

Do Signore Peruzzi ao CDO

Há quase um mês somos bombardeados diariamente com manchetes sobre a crise financeira mundial. Tudo começou com a descoberta de que os bancos de países desenvolvidos haviam dado dinheiro em demasia para pessoas que não tinham como repagar. Excesso de crédito desse tipo não é novidade. Nos anos 80, os bancos descobriram que haviam dado dinheiro demais aos países em desenvolvimento e não sabiam como iriam receber. Quando bancos surgiram nas cidades-estado italianas na época do renascimento, não havia nada mais recorrente do que banqueiros que financiavam guerras com o dinheiro dos depósitos da população que depois não tinham como receber de seus príncipes que haviam sido derrotados.

No passado todos sabiam que o banco do Signore Peruzzi de Florença havia emprestado para o Rei da Inglaterra, Eduardo III, e que se o Rei Eduardo, perdesse uma guerra haveria desconfiança de que o dinheiro depositado nos bancos não estaria disponível para saques. No entanto com as inovações financeiras, avaliar a saúde financeira de um banco passou a ser uma tarefa muito árdua. Ao invés dos bancos terem como ativos direitos a receber do rei da Inglaterra, ou direito a receber da Coca-Cola Inc. Eles passaram a ter ativos como *CDO mezzanine tranche number 5896-37004*. Sabe-se lá sabe se isso vale alguma coisa?

Valer, vale é claro. Na verdade, esse nome complicado tem muitas vantagens como o ativo em relação aos pagamentos do governo da Inglaterra de outrora. Esse instrumento novo simplesmente condensa uma coleção de dívidas que diversos indivíduos tomaram em um único ativo. Portanto o valor do CDO depende de centenas de pessoas fazendo o pagamento de suas dívidas todo mês. É possível que algumas delas tenham problemas. Mas todas dificilmente terão. Em contrapartida se a guerra fora perdida pela Inglaterra não haveria pagamento algum. A vantagem da pulverização de risco é muito clara, mas não se tinha noção do custo da falta de transparência que trouxeram essas inovações financeiras.

Em todo e qualquer momento, para que bancos quebrem basta que haja desconfiança. Bancos emprestam o dinheiro do depositante em longo prazo. Caso todos os depositantes resolvam sacar seu dinheiro do banco simultaneamente, não haverá dinheiro disponível. **A crise atual é consequência da síntese entre perdas com uma classe de ativos, empréstimos para os mais desfavorecidos nos EUA, e a falta de transparência dos novos instrumentos financeiros.** Como não se sabe quem detém grande parte desses ativos, todos os bancos são suspeitos de terem esse mico na mão.

Quando há desconfiança bancária, dinheiro desaparece da economia, porque bancos deixam de criar dinheiro com medo de não atender os seus depositantes. Se alguém deposita 100 reais em um banco, e os bancos emprestam 50% dos seus depósitos. Haverá 200 reais circulando na economia. Caso os bancos decidam emprestar apenas 30% haverá apenas 143 reais circulando. Com menos dinheiro na praça ofertado pelos bancos, empresas não tem como comprar mercadorias e colocar a disposição do público. O remédio que você precisava comprar para o seu avô pode ficar em falta porque a indústria está sem dinheiro para comprar matéria prima, ou porque a farmácia está sem capital de giro para manter estoque. Em um momento em que o sistema bancário decide sentar em cima dos depósitos ao invés de empresta-los é preciso que o governo atue para que a lojinha da esquina não deixe de ter produtos. Falaremos das possíveis políticas na minha próxima coluna.